



Presidência da República
Casa Civil
Secretaria de Administração
Diretoria de Gestão de Pessoas
Coordenação – Geral de Documentação e Informação
Coordenação de Biblioteca



BIBLIOTECA DA
PRESIDÊNCIA
DA REPÚBLICA



**MANIFESTO do Exmo Sr. Dr. GETULIO
VARGAS, Chefe do Governo Provisorio, ao
POVO PAULISTA, em 20 de Setembro de 1932**



AO POVO PAULISTA

Já decorreram dois meses de luta fratricida e ingloria. São Paulo sangra-se nas suas energias e destróe as suas riquezas. Mais que ninguém, sabem os promotores e diretos responsáveis pela rebeldia, que nenhum objetivo superior determinou o doloroso sacrificio imposto ao grande Estado e á Nação.

Dirijo-me ao povo laborioso de São Paulo. Quero mostrar-lhe a ilegitimidade do movimento em que o atiraram e as intensões subalternas dos seus falsos mentores.

Que bandeira desfraldaram e que pleiteiam?

Sob o aspéto dos interesses gerais do pais, reclamam a sua volta imediata ao regime constitucional. Motivo ideologico para uma revolução, este é inteiramente falho e inoportuno, porque o retôrno da Nação á legalidade já fôra iniciado, e com data prefixada. Com efeito, decretára-se o Codigo Eleitoral, marcára-se dia para a eleição dos constituintes, organizaram-se os tribunais eleitorais e suas secretarias, autorizaram-se as despesas necessarias e adotaram-se todas as providencias indispensaveis á execução rapida do alistamento. Diante disso

para alcançar o regime constitucional, só um procedimento se impunha aos *leaders* políticos. agremiarem suas hostes, prepararem seus eleitores e acorrerem ao alistamento, confiado á independencia e á integridade da magistratura.

Sob o aspéto dos interesses civis de São Paulo, que pleiteiam ? A autonomia do Estado, o direito de governar-se pelos seus proprios filhos ? Mas tudo isso já estava alcançado. Governava-os um Interventor *civil e paulista*, um Secretariado escolhido pela propria *frente-unica* e dispunham livremente de uma fôrça publica de elevado efetivo e notavel eficiencia belica, sob comando autonomo. Para inteira segurança dessa situação, pediram por ultimo, novo Commandante para a Região Militar e o afastamento de varios oficiais, que taxavam de suspeitos á ordem estabelecida em São Paulo. Em tudo, foram atendidos. Através de declarações verbais e escritas, os membros do govêrno paulista fizeram, pessoalmente ou por intermedio de seus delegados ao Chefe do Govêrno, ao Ministro da Fazenda e ao General Góe-Monteiro, reiteradas afirmações de seus desejos de cos operação, de solidariedade e protestos de paz com o Govêrno Federal. Nada mais tinham a reclamar, nem reclamaram. Marcado o prazo para a Constituinte, as aspirações de ordem nacional estavam satisfeitas; e as de ordem local, implicitamente, já o estavam com a formação de um govêrno civil e paulista, tão conforme á vontade de todos que, deflagrada a sedição, foi mantido integralmente. Não é só. O Govêrno da União não alimentava, como ainda não alimenta, quaisquer prevenções contra São Paulo. Quando viu abalada a economia do

grande Estado, ás portas de uma crise que se avizinhava da bancarrota, procedeu como nenhum outro, a começar pelo do proprio sr. Washington Luis. Para salvar a riqueza de São Paulo e o patrimonio dos seus filhos, ameaçados pela retenção de um *stock* de café, de cerca de 20 milhões de sacas, fruto das valorizações artificiais das administrações passadas, o Governo Federal lançou mão de recursos excepcionais e, diretamente primeiro, depois por intermedio do Conselho Nacional do Café, incorporou á economia paulista nada menos de um milhão e duzentos mil contos!

Os beneficios prestados a São Paulo, na ordem administrativa, tambem são assinalados. Comprimiram-se as despesas suntuarias dos orçamentos do Estado e as administrações municipais, igualmente arrazadas pelo desperdicio, com *deficits* alarmantes, sob contróle de um departamento especial, foram corrigidas e saneadas, e quasi todas já encerravam, com saldos, os exercicios financeiros. Creou-se uma aparelhagem apropriada com o fim de atender á circulação de sua rêde bancaria, paralizada, pelo excesso de *congelados* e imobilizações de toda natureza, que ameaçavam a estabilidade comercial de São Paulo, principal beneficiario e causa determinante da medida.

Se todos os motivos apontados e analisados impecdem ante a realidade dos acontecimentos, como se explica a revolta de São Paulo? Só uma explicação é possível. A ambição do poder, caracterizada por um movimento de *revanche* contra o de 1930, visando restáurar o passado, recuperar posições e reaver as prerogativas que lhes permittiam delapidar o erario do povo

brasileiro, mediante todas as fórmulas de corrupção administrativa imagináveis. Mas se tentaram articular um movimento generalizado e fulminante e esse movimento falhou, por falta de elementos decisivos e pela pronta reação de todo país contra propositos francamente reacionários, mascarados numa falsa campanha constitucionalista, porque insistiram na luta? Porque não depuseram as armas? Porque persistem no derramamento e inútil sacrifício do sangue irmão? Só duas alternativas lhes restam — ou ~~ambicionam~~ impõem o predomínio de um Estado sobre todos os outros do Brasil ou querem chegar ao separatismo. Custa aceitar a evidencia de semelhantes intenções, qualquer delas crime de lesa Patria, atentado aos proprios laços da fraternidade nacional.

Eis a que se reduzem os ideais dos pseudos regeneradores, chefes da sedição desencadeada em nome de São Paulo. O povo paulista deve, porém, procurar ver a situação real. Não lhe custará enxergar, então, entre os mais exaltados apóstolos improvisados de seus brios os mesmos dominadores decaídos que lhe enxovalharam impunemente as tradições de pundonor e altivês.

Preconcebidamente, calculadamente, começaram, por incitá-lo a vinditas de ofensas imaginárias e prepararam ambiente propício de excitação coletiva, tudo para que, chegado o momento, se servissem das raras e notáveis energias de São Paulo, atirando-as ao incendio de uma guerra entre irmãos, a benefícios exclusivos de ambições e despeitos pessoais. Reacionários, não perceberam que despeitos e ambições passarão e o Brasil continuará a ascender aos seus destinos, impellido pela energia renovadora da revolução triunfante em 1930.

No Brasil renascente, esta revolta constitue a derradeira investida para a restauração da velha mentalidade oligarquica, sustentaculo dos clans familiares, cujos reprovaveis processos politicos se traduziam em conchavos e acôrdos clandestinos, feitos ao sabôr dos appetites e segundo a conveniencia dos poderosos do momento — processos que inutilizaram os esforços constructores de varias gerações de brasileiros. As predicas e fórmulas palavrosas das chamadas *frentes unicas* apenas mascaravam o anseio de restabelecer, pela fôrça material ou pela imposição de ajustes partidarios, o predomínio perdido. Os elementos inadaptaes ao novo estado de cousas, postos á margem da situação pela incoerencia das atitudes e dubiedade de propositos, congregaram-se, dominados pelo afan interesseiro de reconquistarem a antiga ascendencia, para se perpetuarem nas posições de mando. Explica-se, assim, a razão de suas exigencias sucessivas e crescentes. Obtida uma concessão, logo pleiteavam outra e outra, julgando talvez o Govêrno fraco, quando era sómente tolerante e apaziguador. Ninguem melhor que o General Flores da Cunha, mais de uma vês delegado das *frentes unicas* — pôde apreciar as disposições harmonizadoras do Govêrno Provisorio e a sua attitude conciliatoria ante as exigencias interminaveis dos politicos.

Homem de honra, por isso mesmo, ao compreender quanto se tramára oculta e excusamente em nome do Rio Grande, que não fôra ouvido, tomou ele a unica attitude que a dignidade do proprio Rio Grande lhe impunha, reagindo contra a insidia premeditada e transformando a sua bravura e lealdade no anteparo invul-

neravel, em que se apoiou a resistencia da nação, para enfrentar a torrente reacionaria e anarquica.

O Governo Federal sente-se militarmente forte e prestigiado pela solidariedade do resto do país. Nesse transe decisivo, representando os principios vitais da nacionalidade, Exército e Marinha, patrioticamente, atenderam ao apêlo da Nação, ameaçada na sua estabilidade organica, por mal inspiradas tendencias de um regionalismo exaltado.

A Marinha coube a missão ardua e exaustiva de assegurar as vias de comunicação litoraneas, de fazer respeitada a nossa soberania maritima e manter o fechamento dos portos, impossibilitando aos rebeldes o contáto com o estrangeiro e, conseqüentemente, a aquisição de armas e aparelhos de guerra. O que representa de esforço, de abnegação, de tenacidade, de bravura, em suma, a vigilancia ininterrupta e ativa das nossas unidades navais, nestes dois meses de luta, vencendo a carencia de material envelhecido e gasto, enaltece e patenteia o valor da Armada Nacional.

Por sua vês, a expontaneidade com que as forças de terra se mobilizaram, afim de atacar os rebeldes nos seus redutos sobrepondo-se, pelos seus melhores elementos, á propaganda subterranea e dissolvente dos empreiteiros da desordem, evidencia a alta e nitida compreensão dos deveres que lhes assistem, na defesa, dos magnos interesses da Patria. Combatendo intrepidamente, com admiravel denodo e exemplar devotamento, o exercito está solidificando, nas agruras da luta, a sua estrutura tecnica e moral. Força coesiva da Federação, esqueceu dissensões e rivalidades intimas e permaneceu

leal ao Govêrno, batendo-se para salvar o Brasil da preponderancia de uma politica nefasta, que poderia levá-lo ao desmembramento. Dos combates, a melhor escola do soldado, sairá rejuvenecido e homogêneo, pelas proprias imposições da guerra, que selecionam as vocações e competencias militares. Os beneficios que lhe advirão dessa prova de resistencia á desordem serão incalculaveis. Integrado na disciplina e no respeito hierarquico, afastar-se-á naturalmente das competições politicas para se aperfeiçoar e cumprir a sua nobre e elevada missão de garantia da paz interna e da dignidade nacional.

Secundando as fôrças armadas, todo o resto do país unificado por identicos sentimentos de civismo, apressou-se a trazer ao Govêrno o valioso concurso dos seus contingentes militares, rapidamente improvisados, por tal fôrma espontaneos e abundantes que excluiu, desde logo, a necessidade de convocar reservas, limitando a incorporação ao voluntariado.

Através desse movimento admiravel da vontade nacional, reage o Brasil, coêso e consciente dos seus destinos, sobranceiro aos sacrificios e ao choque das ambições sem freios, cada vez mais fortalecido na sua unidade e soberania.

São Paulo está isolado. Fracassaram todas as tentativas feitas para articular a sedição em outros Estados. Os exercitos federais fecham, cada dia, mais, o cêrco da sua ofensiva dentro do territorio paulista. E, precisamente, a realidade da situação não dizem os interessados em sacrificá-lo. Os destacamentos federais já ultrapassaram, no vale do Paraíba, as linhas de Piquete e

Lorena, na frente mineira penetraram até Amparo, ameaçando Campinas, e ao Sul, estão ás portas de Itapetininga. Toda resistencia contrária á ordem ideal da Republica Nova, visando a nacionalidade, continuará inutil e não impedirá que, dentro de poucos dias, avançando, por dever, as tropas legais ocupem novas posições, decisivas para a ultimação da luta. Apesar, entretanto, de qualquer preponderancia militar, incontrastavel, o Govêrno Federal, longe de pretender aniquilar ou humilhar São Paulo, aspira, com todos os Estados da União, trazê-lo de novo ao convivio da comunhão nacional.

Pessoalmente, como Chefe do Govêrno, não me animam, na luta, que nos foi imposta, paixões ou propositos vingativos. A frente do Govêrno Provisorio, instituido pela revolução de 1930, não defendo posições, mas o patrimonio ideologico do irresistivel movimento contra o qual se levanta o reacionarismo em armas, tentando galgar o poder, sob o pretexto de um falso programa constitucionalista, condenado pela opinião pública, segundo proclamavam os proprios agitadores que se fazem agora seus arautos e paladinos.

Quando candidato da Alliança Liberal, para salvar a paz da Nação, momento houve em que cheguei a oferecer a desistencia da minha candidatura em troca da realização do programa minimo das reivindicações pleiteadas: anistia e reforma eleitoral. Encontrada uma resistencia impermeavel a toda idéa generosa, decidiu-se, então, pela luta armada, o dissidio irremediavel aberto entre a Nação e os seus governantes. Desencadeou-se o movimento nacional, cujo Govêrno me coube chefiar;

sobranceiro aos embates políticos. Hoje, no exercício de tão alto posto nacional, deante de uma reação rebelde que apresenta, como razão precipua, a volta rapida do país ao regime constitucional, aspiração a realizar-se pelas oportunas determinações do Govêrno, a breve termo, não hesitei, afim de assegurar a pacificação da familia brasileira, em oferecer uma constituição imediata, a vigorar provisoriamente até que a futura Constituinte promulgasse o definitivo estatuto politico do país. Pois bem, os pseudos *constitucionalistas* recusaram a solução pacifica que se lhes oferecia, preferindo insistir na luta ingloria e impatriotica, provocada e assistida, sem simile, nos anais da nacionalidade. Semelhante recusa equivale a confessar tacitamente que o objetivo do movimento não é implantar a Constituição e, sim, outro oculto, disfarçado — a posse do poder.

O sangue generoso dos brasileiros continúa a correr, imolado aos propositos dos homens que, falando em ideal, a ele não quizeram submeter-se, fazendo questão de permanecer nas posições que ocupam, depois de haverem traído a confiança de quem lh'as entregou. O Governo Provisorio tem dado abundantes provas de suas disposições pacificas. Nunca se negou a ouvir os apelos de paz. Forte, porém generoso, aos intermediarios que lhe pediram condições, declarou sempre, com franqueza, que, depostas as armas pelos rebeldes, além da concessão de uma constituição provisoria e da manutenção de um govêrno civil e paulista, ao nivel da cultura e das aspirações do Estado, a todos trataria com benignidade, de sorte que ninguém soffresse constrangimento e os brasileiros, sem exceções, voltassem a viver fraternalmente;

num ambiente de ordem e segurança. Os chefes da revolta, civis ou militares, por ela responsáveis, preferiram sempre á realização dos apregoados imperativos do movimento, manter-se no poder que haviam deshonrado pela felonía e pela traição.

A única preocupação orientadora desta atitude serena e conciliatoria consiste em evitar o derramamento do sangue de irmãos e os sacrificios materiais exigidos pela luta armada. Toda política financeira de severa poupança, estabelecida pelo Govêrno Provisorio, ficou ameaçada pela rebelião. Ela consumirá, também, a fortuna particular e lavrará profundas cicatrizes na alma da nacionalidade.

Contrasta com esta maneira patriótica e superior de encarar os acontecimentos a duplicidade de atitudes dos chefes sediciosos — duplicidade que bem demonstra a fé punica com que corresponderam á confiança neles depositada. Enquanto recebiam e enviavam emissarios de paz, autorizavam outros a agir junto aos elementos de prestigio solidarios com o Govêrno Federal, tentando desviá-los do caminho do dever, mediante promessas falazes, e até ofertas de lhes entregar o Govêrno do país, como se este estivesse a leilão. Com gente de tal estofo moral, não é mais possível entendimento. Os processos de insidia e fraude de que têm utilizado não cabe descrevê-los, aqui, em suas minucias. Para preparar a luta e sustentá-la, todos os meios de felonía e corrupção foram esgotados. A propaganda pela imprensa e pelo radio, visando impressionar e captar simpatias, obedece ao criterio da mentira sistemática e da exaltação demagógica. Esquecidos de que o meio apropriado para conseguir

a harmonia nacional consiste, sobretudo, em trabalhar pela ordem, negando apóio aos que a perturbam, audaciosamente instituíram, sob novos moldes, a ofensiva da paz com carater francamente derrotista, á retaguarda dos nossos Exercitos, com o fito, apenas, de enfraquecer sua eficiencia belica e diminuir seu ardor combativo. Para movimentar e manter tão impatriotica campanha, o desperdicio do dinheiro de São Paulo, suor de seu povo laborioso e honesto, vai aos extremos do suborno e da compra de consciencias, a ponto de tornar suspeita toda e qualquer solidariedade manifestada fóra das fronteiras paulistas. Mercantilizou-se tudo, inclusive as convicções. Este movimento, inspirado em propositos reprovaveis, com o carater de uma contra-revolução, havia, fatalmente, de fracassar. Não póde vencer quem, para fazer vingar objetivos excusos, não hesita em ameaçar a propria unidade da Patria.

Mas, felizmente ainda, a sedição não partiu do povo varonil, ordeiro e honesto de São Paulo. Audaz sindicato politico-militar usurpou-lhe a vontade, jogando o Estado numa aventura sinistra e, receioso de receber, pelo ludibrio praticado, o merecido e inevitavel castigo, tudo fará agora para lhe ocultar a verdade. O Governo Federal não considera o povo paulista culpado. Ele é, apenas, a maior vitima. Os verdadeiros responsaveis hão de encontrar nele, á hora precisa, o juiz inflexivel, capaz de ditar e executar a sentença que lhe terá de ser imposta.

São Paulo, iludido na sua boa fé, ludibriado, arrastado á ruina e á perda de vidas preciosas, precisa e deve reagir em defesa dos seus sagrados interesses, para evitar maiores e irreparaveis males, erguendo-se e opondo-se á

sanha dos seus algozes, que não trêpidaram em atirar á morte as novas gerações bandeirantes, em enlutar e reduzir á miseria lares onde imperava a alegria e reinava a abundancia.

Do Govêrno Federal não receie o laborioso povo paulista qualquer áto de humilhação e hostilidade. Como até aqui, ele continuará a proceder sobranceiro a odios e com alto espirito de magnanimidade. O seu poder de assistencia, mesmo no decorrer da luta, far-se-á sentir, acolhendo fraternalmente aqueles que abandonarem as armas e não permitindo que as populações pacificas sofram as vicissitudes comuns á guerra. Ainda agora, informado da escassês de trigo em São Paulo e da conseqüente falta de pão, está disposto o Govêrno a autorizar a remessa do *stock* desse cereal existente nesta capital, e que lhe era destinado. O povo paulista não sofrerá necessidades.

O Govêrno Provisorio tudo facilitará para que os generos de alimentação lhe não faltem.

Os embates da luta fratricida vão se tornando cada dia mais asperos e de maiores sacrificios. E' tempo, ainda, de São Paulo recuperar a posse de si mesmo sem consentir no desbarato das suas fontes de vida e das suas riquezas, acumuladas em seculos de trabalho fecundo e modelar. Retorne, pois, ás lides pacificas e ao convivio fraternal dos demais Estados, que sempre se orgulharam do seu progresso e civilização!

Rio de Janeiro, 20 de Setembro de 1932.

* * *

SECRETARIA DA PRESIDENCIA DA REPUBLICA

Data 1/10/32 Gal. Góes Monteiro.

Comandante do Exercito de Leste.

Cruzeiro

O Governo Federal concorda em suspender as hostilidades com os rebeldes de S. Paulo, por meio de um convenio em que se estabeleça praso para a deposição das armas e outras medidas de carater militar, sem que possa ser objeto de discussão, durante este praso ou posteriormente, quaisquer acordos politicos ou condições de paz. Para a realização desse objetivo, o General Pedro Aurelio de Góes Monteiro tem poderes de Delegado do mesmo Governo. O Chefe do Governo Provisorio, com a autoridade da função que exerce, já declarou em documento publico o que pretendia fazer após o restabelecimento da ordem em S. Paulo. Isso, porém, será por ato espontaneo, decorrente da propria logica dos acontecimentos, e não poderá constituir objeto de discussão com os rebeldes cuja autoridade não reconhece. Deve, pois, o General Pedro Aurelio de Góes Monteiro manter as bases do convenio militar por ele estabelecidas e aprovadas pelo Governo e, no caso de não aceitas pelos delegados dos rebeldes, continuar a luta.

Cordiais saudações.

Getulio Vargas.
